

Navegando pelo Rio Negro, AM, Brasil.

Maria do Rosário de Almeida Braga.
mrosario.abraga@gmail.com

Resumo: A viagem ao longo das águas pretas e calmas do Rio Negro, AM, correspondeu ao 22º Workshop de “Ilustração Científica na Amazônia”, da artista e professora Dulce Nascimento, e foi organizada pela Orchid Conservation Alliance. Navegamos por florestas de igapós, com as águas ao nível do dossel da floresta e onde inúmeras orquídeas e outras epífitas vivem. Registramos cerca de 40 espécies de orquídeas ao longo dos dez dias da viagem, uma pequena parte das 710 espécies catalogadas para a região amazônica.

Palavras chave: Rio Negro, Amazonas, floresta de igapó, ilustração botânica.

Abstract: (*On board in Rio Negro, Amazon State, Brazil.*) The trip on the black and calm waters of Rio Negro, AM, was the 22nd Workshop of “Scientific Illustration in the Amazon”, with the artist and teacher Dulce Nascimento, and was organized by the Orchid Conservation Alliance. We traveled through “igapó” forests, with the water at the level of the forest canopy and where a large number of orchids and other epiphytes live. We registered around 40 orchid species on our way, during the ten days of the trip. This represents a small and beautiful portion of the 710 orchid species listed for the Amazon region.

Key words: Negro River, Amazon, igapó Forest, botanic illustration.

Margaret Mee (1909-1988) e suas ilustrações da nossa flora continuam sendo uma constante fonte de inspiração para artistas brasileiros e estrangeiros. Há algumas décadas atrás, enquanto a corajosa inglesa desbravava as margens do Rio Negro, descobrindo e registrando a beleza da flora amazônica e testemunhando o início da sua destruição, ela conheceu o biólogo carioca Gilberto Castro. Com Gilberto, que tem uma pequena casa na margem esquerda do Rio Negro, em frente ao Pq. Nacional das Anavilhanas, Margaret Mee explorou vários recantos à procura, principalmente, da “flor de lua”, a flor de uma espécie de Cactaceae (*Selenicereus wittii* (K.Schum.) G.D. Rowley) que floresce por algumas horas em noite de lua cheia. Em maio de 1988, Margaret Mee teve a grande alegria de poder registrar a fascinante flor, crescendo em floresta alagada, no Arquipélago de Anavilhanas. Depois de tantas aventuras, a consagrada artista morreu, alguns meses depois, durante uma visita à Inglaterra. Como sabemos, deixou uma obra lindíssima, inclusive com a documentação de várias orquídeas nativas da Floresta Amazônica.

Hoje Gilberto é guia e dono de um confortável barco de passeio, o “Otter”, especializado em levar grupos interessados em ilustração botânica. Há vários anos fez parceria com a ilustradora botânica Dulce Nascimento, sócia da OrquidaRio, amiga e grande professora. Ao longo dos últimos anos Dulce tem feito duas ou mais viagens a bordo do “Otter”, levando grupos para observarem, aprenderem e/ou aprimorarem-se na arte de ilustrar a flora amazonense (mais informações em



Fig.1. "Otter". (Foto: T. Moulton. Quando a foto foi tirada por outros, os créditos estão especificados)



Fig.2. Sally Townshend veio da África do Sul para participar da excursão. Na foto está ilustrando um *Epidendrum nocturnum*, em aquarela.



Fig.3. Mapa da região percorrida a bordo do "Otter". Fomos de Manaus ao Pq. Nac. das Anavilhanas pela margem direita do Rio Negro, cruzamos o arquipélago das Anavilhanas e voltamos pela margem esquerda, passando pela vila de Novo Airão.



Fig.4. Os reflexos da floresta na superfície calma do rio. (Foto: D. Halliday)

www.dulcenasascimento.com.br). Em junho de 2015, o grupo de participantes da 22ª Viagem com Workshop "Ilustração Científica na Amazonia" foi reunido pela Orchid Conservation Alliance (OCA). A OCA organiza estas viagens para arrecadar dinheiro para conservação de ambientes ricos em orquídeas (visite www.orchidconservationalliance.org para mais detalhes). Éramos, ao todo, 12 participantes: 07 dos EUA, 03 da África do Sul, 01 da Austrália e eu. Cada um no seu nível artístico: uns já ilustradores consagrados, alguns iniciantes (como eu) e outros que nunca tentaram desenhar, nem durante a viagem. Em comum, a paixão pela conservação



Fig.5. Homenagem à Margaret Mee, à beira do Rio Negro, na casa de Gilberto Castro.

de ambientes ricos em orquídeas. Dulce, com toda a paciência, estava sempre pronta a ajudar a todos que quisessem se aventurar no mundo das aquarelas. O ambiente a bordo era gostoso, acolhedor e divertido, com direito à paisagens inesquecíveis.

Ao todo, a viagem durou dez dias, saindo do porto de Manaus, fazendo um pequeno trajeto de dois dias pelo Rio Amazonas (Solimões) e, em seguida, subindo o Rio Negro até o Pq. Nacional de Anavilhanas,



Fig.6. O cactus *Selenicereus wittii* (K.Schum.) G.D. Rowley, famoso pelo nome popular de “flor de lua”, com parte do talo submerso. (Foto: D. Halliday)

onde o Otter começa a retornar, descendo o rio até atracar novamente em Manaus. Portanto, por oito dias navegamos ao longo de um pequeno trecho do Rio Negro, sempre com águas pretas e claras, ácidas e pobres em nutrientes. Com exceção de um único passeio que fizemos a uma área de campina, em terra seca, durante todos os outros dias percorremos, a bordo do Otter ou em um barco menor de motor de popa, florestas inundadas, os igapós, como são conhecidas as áreas alagáveis nas margens dos grandes rios de águas pretas da região amazônica.

Junho é época em que o nível do rio está bastante alto. O nível da água começa a subir geralmente em janeiro, atinge seu pico entre junho e julho, e começa a descer até novembro-dezembro, quando alcança seu nível mais baixo. Medições do ciclo anual do nível da água no Rio Negro, entre 1970 e 2010, registraram uma amplitude média do

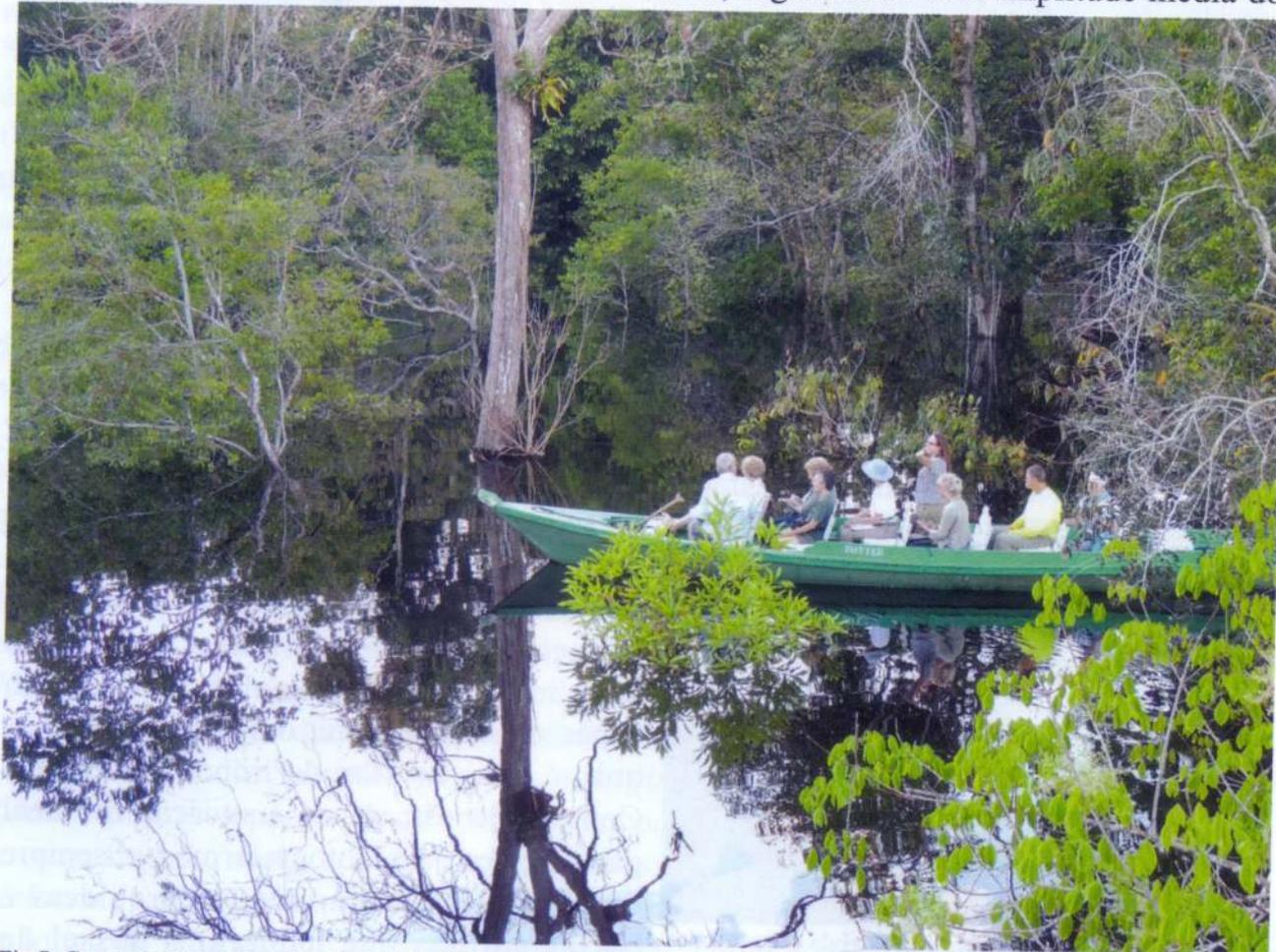


Fig.7. Grupo aproximando-se da floresta de igapó, a procura de orquídeas. (Foto: D. Halliday)



Fig.8. Grupo fotografando touceira de *Galeandra devoniana* Schomb. ex Lindl.



Fig.9. Às vezes a biomassa de orquídeas epífitas era impressionante, como este galho coberto de *Trigonidium*.



Fig.10. Encontramos uma única planta de *Bifrenaria longicornis* Lindl. (Foto: B. Kelepecz)



Fig.11. Encontramos *Cattleya violacea* (Kunth) Rolfe. crescendo a 1 ou 20m da superfície do rio.



Fig.12. Abelha solitária (*Bombus* sp) visitando a flor de *C. violacea* e saindo com as póleas no dorso.



Fig.13. *Encyclia* sp crescendo no solo arenoso da campina, com várias cápsulas.



Fig.14. *Epidendrum nocturnum* Jacq. florindo sobre tronco morto e sob alta luminosidade. (Foto: D. Halliday)

pulso de inundação de 9,5m (Lopes & Piedade, 2015). Só vimos água e floresta e avistamos uma única praia que não estava submersa. Portanto, nos nossos passeios, o que vimos acima do nível da água foram copas de árvores que, em muitos lugares, tinham mais de 10m de tronco submersos. Como podem imaginar, a situação foi ideal para admirarmos, fotografarmos e, sempre que possível, ilustrarmos as orquídeas e outras epífitas que habitam o dossel da



Fig.15. *Dichaea rendlei* Gleason conf. cresce próximo ao nível alto da água, em locais sombreados. Vimos outras duas ou três espécies do gênero, sempre na sombra e quase no nível da água.



Fig.16. *Galeandra devoniana*, crescendo a pleno sol e com parte das raízes submersas, durante esta época do ano. (Foto: D. Halliday)

floresta, onde a luminosidade é ideal para muitas delas. Em alguns locais o igapó era mais fechado e as espécies de epífitas que crescem na sombra são outras, mas também a maioria a poucos centímetros acima d'água, nesta época do ano. É difícil e necessário imaginarmos que, no verão, o nível do rio estará 10m mais baixo.

Para toda a região amazônica estão catalogadas, atualmente, cerca de 710 espécies de orquídeas. O gênero *Catasetum*, com 67 espécies, é o mais bem representado em número de espécies, seguido de *Pleurothallis (sensu lato)*, *Maxillaria* e *Epidendrum* (Silva & Silva, 2010). Nós navegamos e exploramos apenas um pequeno trecho do Rio Negro. Conseguimos distinguir 34 espécies distintas de orquídeas crescendo sobre os troncos ou galhos mais altos das florestas de igapós, muitas delas com parte das raízes submersas nesta época do ano. Distinguimos outras seis espécies de orquídeas na área de campina, onde algumas cresciam no solo arenoso (*Encyclia* sp) e outras epífitas, como *Cattleya eldorado* Linden. Em alguns casos, como *Eriopsis sceptrum* Reichb.f. & Warsc. e *Rudolfiella aurantiaca* Hoehne, as populações eram esparsas e avistamos apenas um indivíduo daquela espécie. Em outros casos, como em *Galeandra devoniana* Schomb. ex Lindl., *Schomburgkia conf. marginata* Lindl., *Orleanesia amazonica* Barb. Rodr. e muitas espécies de *Maxillaria*, encontramos inúmeros indivíduos crescendo em uma área não muito grande. Observamos também que outras espécies, como *Cattleya violacea* (Kunth) Rolfe., não formam densas populações e as plantas estão distribuídas ao longo de uma grande extensão. Muitas delas, como *Scuticaria steelei* Lindl., só



Fig.17. *G. devoniana*, epífita em diferentes espécies de árvores.



Fig.18. *G. devoniana* florida, com parte da planta submersa durante esta época do ano.



Fig.19. *Maxillaria* sp é toda branca, com detalhes cor de vinho na coluna.



Fig.20. O gênero *Maxillaria* foi o melhor representado em termos de biomassa e, possivelmente, também de número de espécies. Não identificamos esta espécie, com flores escuras. (Foto: D. Halliday)



Fig.21. *Orleanesia amazonica* Barb. Rodr. cresce quase em pleno sol e a planta parece um *Epidendrum*.



Fig.22. Detalhe da flor de *O. amazonica*, que tem o labelo móvel. (Foto: B. Kelepecz)



Fig.23. Uma espécie de *Catasetinae* (*Catasetum?* *Mormodes?*) em fruto, sobre árvore à beira do rio.



Fig.24 A micro orquídea *Polystachya concreta* (Jacq.) Garay & H.R. Sweet, com extensa rede de raízes.



Fig.25. Detalhe das flores de *Polystachya concreta*, que encontramos crescendo sob diferentes condições de luminosidade.



Fig.26. *Prosthechea vespa* (Vell.) W.E. Higgins, na foto em flor, fruto e botão, é uma espécie de ampla distribuição e que aceita alta intensidade luminosa. (Foto: D. Halliday)



Fig.27. Encontramos uma única planta de *Rudolfiella aurantiaca* (Lindl.) Hoehne, crescendo em local sombreado.



Fig.28. A estação de floração de *Schomburgkia marginata* Lindl. estava apenas começando, com as primeiras inflorescências abrindo. (Foto: D. Halliday)



Fig.29. Grandes touceiras de *S. marginata* crescem a pleno sol ou a meia sombra, nos galhos mais altos. As várias hastes florais por planta devem formar um bonito espetáculo quando estiverem todas abertas.



Fig.30. *Trigonidium acuminatum* Bateman ex Lindl., cresce em grandes populações, tolerando sol intenso.



Fig.31. *Scuticaria steelei* Lindl. estava em plena floração, geralmente crescendo em condições de luminosidade intermediária. Suas folhas cilíndricas mediam, em alguns casos, 1,5 m de comprimento.



Fig.32. Identificamos uma única e grande touceira de *Eriopsis sceptrum* Rchb. f. & Warsz. , uma espécie que tem usos medicinais entre os índios da Amazônia. (Foto: B. Kelepecz)



Fig.33. Espécies epífitas de *Sobralia* são frequentemente avistadas nos igapós. (Foto: B. Kelepecz)



Fig.34. *Rudolphiella aurantiaca* (Lindl.) Hoehne crescendo e frutificando sobre o tronco da palmeira jará, *Leopoldinia pulchra* Mart. (Arecacea). O jará é um forófito (=árvore hospedeira) de várias orquídeas.



Fig.35. *Scuticaria steelei* é a única espécie do gênero que cresce em local quente. As flores tem pequenas diferenças de tonalidades, dependendo do grau de exposição ao sol.

ocorrem na região amazônica. Outras espécies, como *Prosthechea fragans* (Sw.) W.E.Hinggin e *P. vespa* W.E.Hinggin, ocorrem em vários países da América Sul e Central. Várias espécies não foram identificadas por não estarem em floração, como os exemplares de *Sobralia* (epífitas!) e *Catasetum*. *Maxillaria* (*sensu lato*) impressionou-me pela grande biomassa de diferentes espécies. Na Reserva Duque, em floresta de terra firme próxima a Manaus, *Maxillaria* é o gênero de maior número de espécies (Ribeiro *et al.*, 1999). Algumas das espécies de *Maxillaria* que vimos estavam floridas e, mesmo assim, não foi ainda possível identificá-las.

O barco ia passando e tirávamos fotografias – e é isto que quero dividir com vocês: imagens dos muitos encantos que vimos nos igapós do Rio Negro.

Literatura citada:

- Lopes, A. & Piedade, M.T.F. (eds.) 2015. Conhecendo as Áreas Úmidas Amazônicas: uma viagem pelas várzeas e igapós. Manaus, Editora INPA. 170pp.
- Ribeiro, J.E.L.S., Hopkins, M.J.G., Vicentini, A., Sothers, C.A., Costa, M.A.S., Brito, J.M., Souza, M.A.D., Martins, L.H.P., Lohmann, L.G., Assunção, P.A.C.L., Pereira, E.C., Silva, C.F., Mesquita, M.R. & Procópio, L.C. 1999. Flora da Reserva Ducke: guia de identificação das plantas vasculares de uma floresta de terra firme na Amazônia Central. Manaus, Inpa-DFID. 793pp.
- Silva, M.F.F & Silva, J.B.F. 2010. Orquídeas Nativas da Amazônia Brasileira II. 2.ed. Belém, UFRA e Instituto E. Goeldi. 526pp.